



Documento em construção

Um mundo em crise; mudar radicalmente o sistema

O sistema mundial pode e deve ser mudado radicalmente. Portanto, as forças anticapitalistas e antiimperialistas devem empreender um longo e difícil processo de luta permanente em todos os níveis para iniciar a transição rumo ao socialismo a escala mundial. Isso será articulado e implementado principalmente a partir do Sul Global, onde as condições da crise são mais agudas, mas em estreita aliança com as forças progressistas do Norte. Juntos, podemos tirar proveito dos conflitos e das contradições internas do capitalismo contemporâneo.

Entretanto, devido à profundidade e à natureza sistêmica da crise, o sistema mundial está passando por mudanças orgânicas substanciais, independentemente da ação humana. Os paradigmas da "economia", do "desenvolvimento" e da "globalização" são desafiados pelo colapso ecológico, pela concentração global de riqueza, pelas pandemias, pelas crises financeiras e pelo aumento da pobreza e da desigualdade. Um novo contexto mundial multipolar está surgindo a partir das tendências de crise da globalização neoliberal, refletidas principalmente em uma mudança da acumulação de capital para a Ásia. Isso pode afetar significativamente o equilíbrio de poder entre os "donos do mundo" e as forças progressistas. É impossível prever a direção da mudança orgânica, que poderia facilmente resultar em ecocídio, deslocamento em massa, guerra e extinção humana, ou em uma transição prolongada em direção a uma ordem progressista, precisamente porque ela não é mediada pela agência humana.

Mesmo sendo provável que a construção de uma ordem mundial alternativa e pós-capitalista ocorra em condições planetárias deterioradas, há muitas formas de mudança radical que poderiam ser iniciadas para orientar o colapso sistêmico em direção à criação de um mundo novo e melhor. Uma opção é uma gradual e sistêmica descomodificação, desglobalização e recomposição, desde o nível local até o planetário. Isso surgirá por meio da consciência elevada de mundos alternativos possíveis. Outro cenário é um conjunto de revoluções nacionais que efetivamente expropriam as corporações transnacionais dos privilégios do trabalho vivo e da natureza, seus recursos mais preciosos, e os devolvem aos povos do mundo por meio da socialização verde das economias. No Norte global, a utilização de momentos de crise capitalista que se repetem com frequência e a dependência do capital privado de resgates públicos para obter o controle dos mecanismos de comando da economia, das finanças e da indústria podem ser uma porta de entrada para um futuro melhor que também aliviaria as pressões imperialistas sobre o Sul global.

Os resgates bancários durante a crise financeira global de 2007, os resgates corporativos durante a pandemia de COVID-19 de 2020 e o forte intervencionismo estatal exigido pelas atuais rivalidades globais são oportunidades perdidas nesse sentido.

Por fim, é fundamental insistir nas reparações coletivas devidas pela escravidão, pelo colonialismo, pelo neocolonialismo, pelo ecocídio, pelo neoliberalismo e por muitos outros aspectos da opressão.

Vemos todos esses cenários se apresentando através de uma estrutura tricontinental de convergência nos níveis jurídico, econômico e político. O processo deve redefinir a natureza das relações

internacionais, colocando no centro questões de raça, casta, gênero, terra, agrárias e ecológicas. O grau de necessidade de um processo de "desvinculação" do imperialismo - e, de fato, dos circuitos destrutivos do capitalismo - reforçará a necessidade de soberania no período intermediário, à medida que os projetos nacionais progressistas amadurecem, com objetivos e ambições internacionalistas.

Avaliação da situação da esquerda em nível global e na área em que as pessoas vivem

Em todo o mundo, a esquerda ainda tem um grande potencial, mas sua fragmentação e, em algumas regiões, a sua orientação eurocêntrica continuam a enfraquecê-la. No entanto, a esquerda existe como um conjunto notável e complexo de forças sociais e ricas tendências ideológicas. O caminho a seguir deve superar as divergências que hoje dividem sindicatos, partidos, grupos e indivíduos, resultando na falta de qualquer estratégia global comum ou coerente. As razões para essa fragmentação diferem de uma região para outra. No Norte Global, o relativo debilitamento do movimento trabalhista se encaixa em uma sociedade que ainda desfruta dos privilégios da globalização, que externalizou os custos do enfraquecimento dos sindicatos. Lá, as organizações de esquerda têm persistido, mesmo que tenham uma visão relativamente micro da luta e mesmo que não contestem suficientemente o individualismo liberal que às vezes parecem objetivamente incapazes de conter. Em geral, as organizações de esquerda do Norte também têm uma conexão e um entendimento fracos das experiências dos movimentos sociais e de esquerda do Sul Global, que elas tendem a descartar como autoritárias e/ou excludentes. No Sul Global, os movimentos progressistas foram enfraquecidos pelo imperialismo, pelo neoliberalismo e pelas forças compradoras, bem como pelo aborto de várias experiências nacionais e populares de desenvolvimento. Deveria haver mais vínculos pessoais e colaborações entre companheiros de diferentes localidades geográficas.

No entanto, é no espaço tricontinental onde ainda vemos a contradição antissistêmica da ordem mundial e esse espaço promete uma possível renovação de uma frente internacionalista. Cada experiência de reconstrução democrática de parte de suas enormes massas oferece oportunidades revolucionárias e tem potencial de expansão. Nesses levantes, a esquerda carece de liderança e de conexão com as massas. Por exemplo, dependendo de cada experiência, ela geralmente se traduz pela falta de autocrítica, bem como pela incapacidade de conter o vírus do liberalismo. Nas sociedades do Sul e do Norte, a esquerda sofre com a crescente desintegração do vínculo social, da confiança e da solidariedade política. E crescem os perigos do aumento do comunitarismo, da conspiração, da violência e da ameaça do "totalitarismo estatal".

A crise dos projetos populistas nacionais e do estado de bem-estar social tradicional, sustentado pela social-democracia e, na verdade, um fracasso mais amplo do controle soberano do Estado, reflete a impotência contra projetos populistas antidemocráticos emergentes e/ou as forças xenóforas reacionárias nacionais que desmotivaram a Esquerda Global. A reconstrução de uma Esquerda Global forte implica a participação do povo. Existem movimentos de massa dentro ou fora da esquerda autoidentificada. Desde a crise financeira global, temos testemunhado novos ciclos dinâmicos de contenção e mobilizações de massa globais em nível recorde. Elas são fragmentadas, mas ativas, em grupos dedicados ao direito à terra, aos direitos das mulheres, à migração e ao antirracismo, à luta contra a austeridade, à justiça social e à justiça climática, às liberdades democráticas, às liberdades cívicas etc. Mas muitas vezes falta uma síntese das lutas em questões interconectadas. Além disso, na maioria das vezes, elas estão confinadas ao nível de ativismo de rua, sem organização política, sem raízes no local de trabalho ou ambos. Não é preciso dizer que, na maioria das vezes, elas também estão limitadas a Estados nacionais separados e se esgotam ao enfrentar questões de diferenças ideológicas e outros desafios, como segurança, identidade e reação aos fascistas. E, por fim, geralmente se limitam a segmentos urbanos da classe trabalhadora de "renda média" com educação, portanto, perdem seu potencial de mudança radical. Um grande lumpen proletariado global está sobrecarregado por suas lutas diárias pela sobrevivência para atender até mesmo às necessidades mais básicas.

Como ficou provado durante a pandemia de Covid, todas essas forças poderiam ter se unido em um movimento de resistência global para lutar contra o capitalismo contemporâneo. Mas muitas pessoas e movimentos se voltaram para a rejeição da autoridade institucional e parecem cada vez menos governáveis, até mesmo por uma agenda de esquerda de elevação de renda e fortalecimento da saúde pública. Muitas mentiras foram contadas e um conjunto muito grande de lucros foi acumulado pela grande indústria farmacêutica para permitir que essa pandemia específica virasse a sociedade para a esquerda.

Nessas condições difíceis, a esquerda globalmente tem estado em fermentação em todo o mundo. Mas a audácia de derrotar o capital, o racismo, o imperialismo, o patriarcado, a catástrofe ecológica, a homofobia, a xenofobia e outras características da agenda da direita exige uma imaginação da Nova Esquerda, uma alternativa aos conceitos desacreditados de "modernidade" e desenvolvimento, bem como a criação de convergências profundas e novas formas de resistência. A ordem progressista democrática, igualitária, ecológica, feminista e antirracista deve ser construída ao mesmo tempo em que nos unimos à demanda mundial por uma saída progressista para a crise atual. A esquerda ainda encarna a busca da unidade contra a colonialidade do poder, a esquerda ainda se move em direção a uma humanidade transformada que esteja em harmonia com a natureza. Continuamos a apoiar as formas e ações mais transformadoras que se opõem ao capitalismo unilateral e ao pensamento imperialista.

Precisamos de um movimento e de um novo tipo de organização

A meta é criar um movimento de movimentos com uma estrutura organizacional para os trabalhadores e as nações oprimidas do mundo. O ponto de partida dessa Internacional deve ser a convergência tri-continental como pré-condição para alcançar as organizações sediadas no Norte. Ela deve ser orientada por direitos sociais e anticapitalistas e, de fato, por todos os direitos humanos, incluindo princípios antirracistas, antissexistas e ecológicos. Ela busca transcender a fragmentação dos movimentos sociais e políticos confinados nacional e socialmente.

Esse movimento de movimentos busca superar as limitações políticas das iniciativas mais recentes da proposta altermundialista e antiglobalização que, assim como os "Fóruns Sociais Mundiais" também fracassaram devido à falta de inclusão de forças políticas e de desenvolvimento de uma estrutura coerente para demandas globais claras. Ao assumir uma forma organizacional formal, ele deve buscar a convergência entre movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos e outras associações. A força da Primeira Internacional foi desenvolver demandas universalistas que foram compreendidas em todo o mundo, como a Jornada de Trabalho de Dez ou Oito Horas, a propriedade pública dos meios de produção e também direitos democráticos como o "sufrágio universal". Hoje, a construção desse movimento e dessa organização deve ser um processo de convocação de uma assembleia global de partidos políticos, movimentos e cidadãos. O processo de convergência exige democracia participativa e controle de baixo para cima, com foco especial na junção tri-continental. A tarefa de tal organização política é contribuir para a transformação progressiva do mundo. A organização se esforça para enfrentar a estrutura colonial e imperialista do capitalismo e as hierarquias desiguais da humanidade, para acabar com o racismo estrutural e sistêmico, proteger o meio ambiente e a humanidade. Reiteramos: o ponto de partida dessa Internacional deve ser a convergência tri-continental como pré-condição para alcançar as organizações sediadas no Norte, incluindo os órgãos transnacionais de esquerda já existentes.

A organização deve promover o debate pluralista, a pesquisa estratégica e a formação de redes entre seus membros, para produzir material informativo e realizar trabalho educacional. Ela deve coordenar campanhas transnacionais e solidariedade, combinar o apoio à resistência e promoção de novas relações sociais nas comunidades. Essa organização internacional também pode levar adiante a formação de quadros.

Reunir as forças progressistas e as massas em geral

O papel de uma organização internacional/transnacional é apoiar e integrar as lutas em nível local, nacional e internacional, para se beneficiar da multiplicidade de experiências já existentes, começando pelo Sul Global, incorporando as lições do passado e treinando quadros para o trabalho de formação política.

É essencial superar a fragmentação atual sem destruir a originalidade e a história de cada componente e sem distanciar esse movimento das massas. Isso pode exigir que sejam evitados alguns dos problemas da esquerda contemporânea, como a priorização excessiva do culturalismo (com o risco de quitar prioridade à nossa libertação política, econômica e ambiental) ou o foco em questões de identidade em vez da questão social.

Devemos identificar o que nos une como forças progressistas, transformando esses valores e visões políticas em eixos de ação. Devemos respeitar as condições de cada região e as especificidades de cada continente. Ao fazer isso, será possível encontrar as melhores maneiras de articular a resistência. Essa articulação pode ser colocada em prática com um programa de ação concertado, introduzindo métodos democráticos e sempre procedendo com transparência. As responsabilidades das pessoas envolvidas no projeto devem ser claras.

No mundo de hoje, a Internet é uma ferramenta fundamental para a troca de ideias e está substituindo muitas formas tradicionais de organização. Devemos usá-la com cuidado e de forma ampla, aproveitando também o potencial das redes sociais.

Principais objetivos e estratégia que queremos alcançar

Queremos contribuir para a criação de uma organização revolucionária, por meio do diálogo global sobre a necessidade de um veículo comum para a esquerda mundial. Nosso nome é *Internacional Progressista dos Trabalhadores e dos Povos*. Uma organização com a qual trabalhadores, elementos dos segmentos excluídos e o lumpen, bem como forças anticapitalistas, antirracistas, anti-imperialistas, antissexistas, ambientalistas e de luta por justiça climática possam se identificar. Reunimos uma rede de organizações, incluindo partidos progressistas, movimentos radicais de libertação nacional e movimentos sociais dos oprimidos, bem como indivíduos que aderem a uma solidariedade mínima com várias causas. A organização deve ser um movimento político que incorpore militância e universalismo e que defenda um sistema socialista de produção e alternativas à globalização neoliberal e à "desordem do mercado". Criar uma rede de organizações (partidos progressistas com uma base popular, movimentos de libertação nacional com credenciais radicais e movimentos sociais que representem os trabalhadores e os povos indígenas) e povos.

Nossos principais objetivos são, em primeiro lugar, construir uma internacional capaz de incorporar as melhores lições de experiências passadas, bem como uma crítica pluralista de nossos fracassos. Precisamos ter a capacidade de desenvolver respostas estratégicas que correspondam às novas formas de organização para enfrentar a crise do capital globalizado. Isso exigirá um diálogo global muito maior sobre as necessidades da esquerda e o desenvolvimento de um programa consistente (incluindo justiça, equidade, desenvolvimento humano e as necessidades específicas de nossos ambientes e culturas) capaz de abordar as principais questões de nosso tempo, como a necessidade de socializar, democratizar e administrar internacionalmente as quase monopolistas plataformas de capital. E, em segundo lugar, devemos aumentar a eficácia das lutas progressistas nacionais em todos os países do mundo, abrindo caminho para que essas forças conquistem o poder do Estado e depois usem esse poder para iniciar a transformação social com projetos de soberania e defesa dos meios de subsistência das pessoas. Estimamos que, com esse processo, reacenderemos uma transição global no rumo do socialismo no século XXI, visando à autogestão da sociedade em todos os níveis. Somente então alcançaremos uma forma superior de civilização humana centrada em um desenvolvimento guiado pelos povos. Em resumo, alcançar uma unidade na diversidade e uma agenda comum para um sistema internacional justo e multipolar.

Nossas principais estratégias são: primeiro, o mais rápido possível, fazer um balanço das forças que estão realmente dispostas a se engajar em um processo de convergência em um programa anticapitalista, antipatriarcal, ecologicamente sustentável, internacionalista e, em suma, revolucionário. E, em seguida, encontrar maneiras democráticas de conseguir a participação total dessas forças (pessoas, movimentos e organizações progressistas, especialmente aquelas com experiência e disposição para lutar) a fim de estabelecer uma organização enraizada na luta social real.

Em segundo lugar, construir um processo de análise, debate e frentes de ação, usando todos os meios de comunicação e visibilidade disponíveis para coletar ideias da esquerda e reunir estruturas de esquerda para harmonizar pontos de vista e desenvolver conceitos para novos paradigmas e uma estrutura e visão estratégica global.

Nossos meios, recursos e restrições

O principal ativo dessa iniciativa deve ser sua clareza ideológica e sua capacidade de reunir um bom número de personalidades, estruturas e organizações radicais de diferentes pontos de vista, bases sociais e continentes. O que devem ter em comum é a convicção de que precisamos construir nossos "bens comuns" e que a unificação das lutas é uma força e também uma oportunidade. Como uma rede, esse grupo deve ser capaz de dar apoio material à internacional, bem como mobilizar as massas (o campesinato e todas as forças de trabalho) e a ação pública. Um movimento social que é pensado a partir do contexto atual transcende a visão de um novo mundo meramente mais equitativo, sustentável, democrático e planejado. Ele deve se mover imperativamente "em direção a um novo Humanismo", com a visão de que os trabalhadores e os povos devem "criar um novo Ser Humano", um novo modo de vida e civilização que libere todos os potenciais materiais e espirituais dos indivíduos e da humanidade como um todo. Esse movimento deve carregar uma concepção revolucionária de humanidade, na qual os temas de libertação e desalienação ocupam um lugar central.

É importante reconhecer nossos desafios e restrições, tanto interna quanto externamente. Externamente, para solicitar mais adesões e alianças precisamos ser vistos claramente como uma iniciativa tricontinental que se espalha em todos os continentes e é liderada pelas ideias e campanhas concretas das classes populares. Precisamos ter o apoio dos movimentos do século passado que têm poder de Estado e precisamos ter o apoio de Estados e partidos anti-imperialistas. Precisaremos construir uma plataforma transparente e forte para a formação de membros e recursos, em nível individual, institucional, nacional e internacional. Ao superar as barreiras de idiomas e culturas, precisaremos dialogar com as massas de maneira simples e resoluta por todos os meios possíveis: contrapropaganda, cultura, persuasão lógica e militante e educação permanente. Externamente, é claro que teremos de enfrentar a repressão, pois a segurança é uma questão importante, considerando o número de ativistas assassinados, especialmente aqueles que defendem os direitos humanos e ambientais e organizam sindicatos. O ritmo de mudança necessário implica que devemos definir e atingir objetivos mínimos em um breve período. Ao mesmo tempo, devemos reverter a lavagem cerebral de nossos aliados naturais pelos poderosos meios de comunicação de massa, alguns movimentos religiosos, as empresas monopolistas de mídia social e outras fontes de notícias falsas. Tudo isso é um grande desafio em um momento em que a própria ideia de socialismo foi demonizada.

Internamente, precisamos melhorar nossa capacidade material. Nosso principal meio interno de coordenação é o comitê de direção ad hoc e o principal mecanismo é a interação virtual on-line, o que reduz seu escopo. Precisamos fazer mais para apoiar e incentivar o envolvimento com este processo, unindo as lutas e os protagonistas. Com esse objetivo, poderíamos incentivar a tomada de poder/ações localizadas. As restrições internas também incluem confusão ideológica e sectarismo, disputas de poder personalizadas, equilíbrio de gênero, barreiras linguísticas e ineficiências administrativas.

Portanto, precisamos de uma forma mais clara como organização e de uma cultura de trabalho inclusiva que comunique ativamente nossa ideologia e visão entre os movimentos e as massas. Precisamos de um *ethos* mais claro para trabalhar em uma organização da esquerda internacional. Também precisamos garantir que a base popular seja mantida e, portanto, que a educação superior não seja um pré-requisito, já que limitaria a organização às "classes médias" instruídas. No futuro, receberemos de bom grado o apoio qualificado de tradutores comprometidos, trabalhadores e engenheiros de tecnologia da informação, comunicadores profissionais de mídia social etc.

Estrutura potencial e processo de tomada de decisões

Em geral, devemos estar cientes de nossos limites e adaptar nosso *modus operandi* de acordo com as mudanças na situação. Os meios, os ativos e as restrições precisam ser avaliados coletivamente e internamente. No entanto, os recursos materiais terão de ser obtidos dos partidos e movimentos que eventualmente comporão essa Internacional, por meio de reuniões tanto presenciais quanto virtuais, por regiões, por país e por tema. A base do processo de eleição de representantes, discussão de questões-chave e tomada de decisões organizacionais deve ser baseada em pessoas - pessoas que representem, personifiquem e prefigurem a causa. Por exemplo, líderes da classe trabalhadora, principalmente com raízes no Sul global; movimentos locais e transnacionais, redes de ativistas nacionais e campanhas existentes. Buscaremos uma aliança com partidos de esquerda que tenham uma práxis de *delinking*, ou seja, que combatam o eurocentrismo e o vírus liberal. Também podemos contar com o apoio de estados anti-imperialistas, desde que sejam obtidas garantias adequadas de pensamento e ação independentes.

Inicialmente, numa base voluntária, um comitê director ad hoc discutiu as políticas e traçou roteiros com um secretariado. Eles implementarão os passos decididos e distribuirão o trabalho entre todos, até conseguirmos institucionalizar a nossa comissão e estabelecer o seu estatuto e regras de tomada de decisões. A Internacional provisória, incluindo o seu comitê director ad hoc, deveria ser composta por indivíduos que representem clara e abertamente as organizações, ao mesmo tempo que deveria prever algo como um "conselho de conselheiros", um grupo composto pelos principais formadores de opinião de todo o mundo, amplamente respeitados e com condições de agregar valor às deliberações da Internacional.

Assim que tivermos um corpo institucional e estatutos mínimos, estabeleceremos democraticamente uma "organização" hierárquica revogável, mas descentralizada, capaz de funcionar transversalmente e horizontalmente: Um sistema de votação ponderado deve ser explorado para distinguir entre 1) intelectuais radicais de esquerda orgânica, 2) instituições (partidos e sindicatos, ONG-ICO), organizações comunitárias, movimentos sociais, 3) quotas de trabalhadores por país, desempregados e proletariado lumpen, e 4) representantes do estado.

Por exemplo, esta constituição quadripartida poderia ser alargada a todos os nossos órgãos e assembleias, cujos direitos de voto seriam divididos em conformidade, de acordo com as linhas da OIT.

Em prazo a definir, a assembleia elegerá o conselho geral, órgão que implementará as decisões e elaborará normas, bem como uma comissão executiva revogável. Esta última poderia funcionar como secretariado executivo e seria composta por representantes de vários segmentos, económico, social, político, comunicação, cultural e de género, juventude, etc. O conselho geral funcionará com base no consenso e todas as outras decisões serão tomadas por maioria de votos. Ou, pelo menos, as principais decisões da assembleia internacionalista serão tomadas por maioria de votos.

Alcançar outras entidades internacionais, partidos políticos, movimentos, sindicatos, associações, indivíduos... que partilham os nossos valores e objectivos

Depois de completar o nosso manifesto, poderíamos convocar uma reunião global sobre as questões estratégicas do século XXI. Todos os participantes devem compreender que estão a participar no

processo de construção de uma Internacional, e não de uma Internacional pronta para o século XXI. Sem o envolvimento de partidos e movimentos com um histórico comprovadamente popular e anti-imperialista, não conseguiremos obter substância suficiente para prosseguir. Portanto, devemos elaborar uma lista das principais redes nas quais recrutar. Esta divulgação deve fazer uso estratégico de recursos limitados, baseando-se numa avaliação prioritária dos movimentos revolucionários da classe trabalhadora no que se refere à economia política global e à cultura política global. Deveríamos também organizar reuniões paralelas com outras organizações que almejam uma Internacional, para discutir possibilidades de convergência, sem sermos absorvidos por tendências oportunistas. Indivíduos, partidos, movimentos e sindicatos devem ser abordados da mesma forma. Além disso, o contacto directo através do conhecimento pessoal deve ser amplamente utilizado para convidar companheiros a participar na iniciativa, pois continua a ser o meio mais eficiente à nossa disposição. Deveríamos criar um website para o processo inicial e utilizá-lo para fornecer informações, bem como meios de troca comunicativa. Uma equipe de divulgação deve ser criada. Ela poderá ser responsável por identificar e contactar potenciais afiliados. Devem ser organizadas «visitas de divulgação», levando representantes do comité de planeamento a vários países onde possam interagir com potenciais participantes. As conferências deveriam ser patrocinadas, virtuais e sempre que possível presenciais, para discutir questões que esperaríamos que a Internacional abordasse.